

dos áureos tempos de bailarina e poucos parentes dispostos a desenterrar a ovelha negra da família." A tarefa é organizar estes vestígios para com eles construir uma coerência, fundindo-os sem com isto perder a noção de fragmento, dado tão precioso quando se pretende biografar.

O fragmento, comenta J.-C. Bernardet, "não é uma arbitrariedade estilística, mas é a própria forma da história derrotada, motivo pelo qual, mesmo na busca da coerência e da significação, o caráter fragmentário não pode nunca ser abandonado"².

"Fácil? Não. Nada fácil despir alguém. Por mais nua que essa criatura já estivesse." Bem verdade, as autoras se superaram. Ao invés de despir foram lâmina a lâmina tecendo a pele desta criatura, indo do gesto ao pensamento, não só no trabalho custoso da pesquisa quanto na solução gráfica do volume. A cada capítulo se distingue uma frase de autoria de Luz, aquilo que chamo de signo de ocupação e que nos faculta uma outra forma de leitura além da convencional. Ler apenas as frases bombásticas de Luz que vão construindo grão por grão a sua verdadeira ilha do Sol, a sua identidade, o seu espaço/continente.

Ao lê-las percebe-se a determinação de propósito crescendo a cada circunstância que a obrigava a tomar posição.

"Para a sede, temos a água, para a fome, o pão, para a imoralidade, a nudez."

"Num mundo que está progredindo dia a dia, os preconceitos continuam amarrados a um poste."

"Sou apolítica, mas vejo na ordem social uma **desordem**, porque os direitos dos cidadãos que deveriam vir da natureza e servir igualmente a todos, sem distinção, são fundamentados sobre convenções."

"Quería, com todas as minhas forças, ser possuidora de uma grande serpente, domesticá-la, dançar em público envolvendo-me em suas perigosas espirais, sentir-lhe o contato das escamas ásperas e frias."

"Agonizo pelo destino que antecipei em meu diário de vaidades."

"Não faço parte do sistema que prejudica a vida permitindo o mal. A liberdade do homem - seu maior progresso - deve ser mantida e respeitada a qualquer preço."

Subvertendo o modo de leitura formal tem-se o privilégio de, através das frases de seu diário, avaliar a temperatura da vida que irradia um modo arrebatador de ser. Toscos sistemas de transgressão.

Estar com uma biografia à mão é estar às vésperas do conhecimento com um molde transparente e líquido que permite nostalgicamente que nos orientemos pela memória e fluxos do coração. A nostalgia nos libera a lembrar só das partes boas mas é também um mecanismo perverso porque, com diz Garcia Marques, "quando a gente se salva esquecendo o que é ruim está vivendo fora da realidade".

Resvarei e também caí nesta armadilha. Folheando o testemunho de Eros Volússia flagrame num tempo imaginário. Um agosto de 1967 em plena baía de Guanabara. Hélio, o último amante, bronzeado e musculoso atracando o barco na ilha onde Luz del Fuego junto aos rochedos arquitetava. (...) "introduzir a plástica na música como num *maillot* tenuíssimo; transmutar em expressão e movimento os ritmos sonoros que nos penetram os sentidos, desenvolvendo-os na rapidez do milagre da arte; encarcerar vãos nos gestos, dando asas aos rastejos; empreender às melodias uma fuga do eu; traçar com o corpo, no espaço, as palavras profundas do silêncio, conter na elasticidade frágil da forma a alma de toda a natureza e a natureza de todas as almas; dançar! Dançar mesmo em quietude, com os olhos errantes, com os lábios trementes, com o sangue em palpação, com o pensamento espiralando para o alto; ser uma mensagem de carne radiosa, uma comunicação da terra com o céu"³.

SANDRA MARIA LAPEIZ ■

³ VOLUSSIA, Eros *Eu e a Dança* Rio de Janeiro Revista Continente Editorial, 1983.

AIDS e sexualidade: o ponto de vista indispensável

AIDS e Sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas.

LOYOLA, Maria Andréa.

Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ, 1994.

Cada sociedade, cada período histórico, tem a sua doença, que é a metáfora dos seus

problemas. A doença é um acontecimento negativo que abala a inércia do sujeito e do seu meio social ao questionar a integração social e o equilíbrio da sociedade. As grandes epidemias ou enfermidades que marcaram certos momentos da história tiveram sua repercussão fantasmática no imaginário coletivo - conforme já afirmaram vários autores - com conseqüências

para a doença, seu tratamento e o meio onde se propagava.

Assim, na Antiguidade, a lepra representava um destino inelutável que se abatia sobre as pessoas, afastando-as do convívio humano. Na Idade Média, a peste materializou o castigo de Deus enquanto punição coletiva, dizimando uma parte da população. A sífilis, durante a transição para a Idade Moderna, encarnou a crise moral, imputando-se sua causa aos viajantes e à libertinagem da população. A tuberculose seria o mal do século XIX, romântico e miserável, na crise da revolução industrial e dos valores comunitários. O câncer é a doença do século XX, estigmatizando o prolongamento da vida humana e as consequências do desenvolvimento industrial; a poluição, os aditivos, o estresse.

A AIDS representaria o estágio atual da sociedade, indicando o limite do crescimento na incapacidade da medicina de vencer o câncer e a própria AIDS, mas também a tendência ao isolamento entre os humanos, entre outras metáforas. Atesta com doloroso vigor o quanto a sua construção enquanto doença pesa na relação que se estabelece com ela - para controle, prevenção, mas também para o convívio e a negociação com tudo o que ela nos comunica. A AIDS se instala no umbral deste fim de milênio como um imenso sinal luminoso a indicar a urgência de novas direções a velhos viandantes.

É nesta encruzilhada de significados e necessidades que a coletânea *AIDS e Sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas*, organizada por Maria Andréa Loyola, vem acrescentar sua contribuição para a compreensão do fenômeno no Brasil. O livro reúne artigos resultantes da pesquisa *Os Efeitos Sociais da AIDS no Brasil*, desenvolvida no Instituto de Medicina Social da UERJ de 1989 a 1991, e mais três textos sobre outras pesquisas. Apresenta um instigante panorama de informações e questões para a reflexão sobre a problemática da AIDS.

A pesquisa em si é descrita por Maria Andréa Loyola em "Percepção e Prevenção da AIDS no Rio de Janeiro". Estuda representações e práticas relativas à doença, sua repercussão sobre o cotidiano sexual e a prevenção em três categorias: profissionais de nível superior, bancários e metalúrgicos. Os resultados evidenciam algumas linhas gerais semelhantes ao que se conhece em outros países - relativo conhecimento sobre sintomas e formas de transmissão resultante da divulgação pela mídia, sem no entanto provocar modificações de fundo na prevenção; tendência a ver a AIDS como a doença que "vem de fora" e "do outro". Localiza porém algo

da nossa especificidade nas posturas quanto à prevenção: o "ethos político-cultural dos brasileiros", apoiado no paternalismo das elites e na delegação ao governo da defesa dos interesses do povo. Tendências contrariadas mais recentemente pela presença de ONGs e sindicatos na luta pela saúde. A análise, apoiada no universo simbólico dos pesquisados - seus valores e cultura sanitária -, demonstra o interesse pelas práticas de saúde da população e o cuidado em considerar a relação entre elas e as representações já atestado pela autora em *Médicos e Curandeiros, Conflito Social e Saúde* (São Paulo, Difel, 1984).

Segue-se o artigo de Sérgio Carrara, "AIDS e Doenças Venéreas no Brasil". Partindo da semelhança entre a sífilis e a AIDS, retraça os modelos de intervenção social configurados pelas práticas profiláticas e preventivas com relação às doenças venéreas do final do século XIX até os anos 20. Seu objetivo é estabelecer perspectivas comparativas com os dias de hoje, chegando a conclusões interessantes. Subjacente aos modelos estudados há uma lógica, uma "bacterio-lógica", em que "tudo se passa como se o doente estivesse para a sociedade assim como o germe para o organismo individual", o que repercutirá em propostas de separação entre sadios e infectados. Diferentemente do passado, porém, os grupos de pressão entram em cena hoje para resgatar a cidadania dos estigmatizados, encaminhando uma ruptura no plano simbólico. Os portadores do vírus da AIDS não estariam mais para a sociedade como o vírus para o organismo. Eles seriam apenas interlocutores privilegiados no diálogo que a sociedade vem mantendo com uma nova manifestação do mal, e do seu sucesso depende o destino da epidemia.

Joel Birman, em "Sexualidade: entre o mal e as maledicências", volta ao imaginário coletivo e sua negociação com velhos fantasmas, expressa nas práticas político-sanitárias em torno da lepra e da peste. Através da sua fina exposição, argumenta que o que está em jogo com a AIDS, que traz de volta o terror da morte (desta vez como punição imediata do desejo), é "o direito à visibilidade da sexualidade na sua sinfonia polimorfa, na multiplicidade desejante dos sujeitos". Assim, a AIDS transcende o universo técnico da assistência, funcionando como analisador dos valores e da ética que funda a nossa tradição cultural. Sem desconhecer o papel da AIDS no embate sanitário, Birman enfatiza o seu significado para o redesenho das representações da sexualidade e para o reconhecimento de múltiplas possibilidades le-

gífimas de constituição do sujeito.

Encerrando esta série de textos, o artigo "Medicalização Social e a Construção da Sexualidade", de Marilena Corrêa, localiza dois modelos através dos quais a medicina interveio na construção das representações sobre o corpo, a saúde, a doença. No primeiro impera a lógica reprodutiva, com o controle sanitário e reprodutivo das populações. No segundo, valorizam-se as subjetividades, o desejo e o prazer, a partir de referências radicais **psi**. Ambos convivem na medicina e no controle da sexualidade e da reprodução. Para ilustrar tal controle, a autora aplica aos dados da pesquisa já descrita um outro recorte, e procede ao estudo das representações relativas ao tema da iniciação sexual. Assim, termina por localizar nos primórdios da construção da sexualidade uma duplicidade de fontes (família/mundo externo a ela) e de orientações (normas, ciência/prazer) que envolve as ordens da reprodução e da sexualidade. O tratamento de Corrêa não se detém na questão de gênero, embora seja fator de reconhecimento peso na construção diferenciada da sexualidade, e não irrelevante para a abordagem da prevenção, como é sabido¹. Deixa assim essa lacuna, que estará presente também em outros textos. Finaliza considerando que estão em curso alterações nos padrões de aprendizado detectados, seja pelo fim do silêncio sobre o tema, seja pelos deslocamentos trazidos pela AIDS, via grupos e associações com ela envolvidos, que difundem a discussão sobre solidariedade e direito à diferença, prometendo mudanças mais profundas e uma nova ética sexual.

Partindo da sua própria linha de pesquisa, Richard Parker vai dar prosseguimento a esta reflexão enquanto subsídio para pensar o controle e a prevenção, no artigo "Diversidade Sexual, Análise Sexual e Educação sobre AIDS no Brasil". Descreve a "ideologia erótica" do brasileiro, os *scripts* ou cenários eróticos presentes na vida do Brasil contemporâneo, para encerrar com reflexões sobre a aplicação destas perspectivas à promoção da saúde como resposta aos riscos do HIV. Sua tese, ao mesmo tempo original e coerente com sua leitura da vida brasileira, consiste em considerar que, sendo a transgressão a noção-chave da ideologia erótica do brasileiro, o enfoque central da educação sobre AIDS deveria deslocar-se da pura e simples transmissão de informação objetiva para uma

abordagem alternativa. É a própria organizadora da coletânea, porém, quem vai levantar no prefácio a hipótese de que Parker esteja, na verdade, "lidando com o modelo erótico-homossexual masculino brasileiro", o que sublinha uma vez mais a falta de maior nitidez de contornos das representações femininas para aquilatar até que ponto elas estão englobadas na ideologia identificada ou invisibilizada por ela.

A abordagem alternativa de Parker advoga que as possibilidades de redução do risco deveriam ser exploradas como aspecto da experiência erótica, e não como decorrência de um processo lógico e racional de decisões. O uso da camisinha e de práticas não penetrativas se colocaria, então, como parte de uma modalidade de expressão sexual transgressiva e excitante, e não mais racional e restritiva. Sublinha, deste modo, a importância do conhecimento dos substratos simbólicos para a eficácia das intervenções comportamentais, bem como o papel da pesquisa social e da análise cultural neste sentido.

"Homens Adultos: conhecimento e uso do *condom*" de Elza Berquó e Marta R. de Souza, expõe resultados de uma pesquisa realizada com homens, bancários, universitários e operários da construção civil em Campinas. Aparentemente, confirma-se o que já se sabe: todos conhecem mas poucos utilizam o *condom* como prática preventiva. Entretanto, não deixa de surpreender, pelo fato de que a proporção dos que o usam está acima da até então registrada nos *surveys* sobre fecundidade ou contracepção (27% a 33% contra 2%), o que certamente se deve ao fato de estes serem feitos junto a mulheres em geral casadas ou unidas. Por outro lado, ele continua sendo percebido como meio contraceptivo. A pertinência da pesquisa demográfica de boa qualidade fica aqui reafirmada.

Os dois últimos artigos referem-se a trabalhos fora do Brasil. O primeiro, de Michael Pollak e Marie-Ange Schiltz, sistematiza "As Pesquisas sobre Bi- e Homossexuais Masculinos na Europa", apontando mudanças importantes no comportamento sexual devidas ao tipo de avaliação individual quanto à própria exposição ao risco, nível de educação elevado, classe social média superior e aceitação da própria homossexualidade, mas também ao grau de consolidação dos grupos e movimentos *gays*, co-responsáveis pela adoção de medidas de prevenção consequentes. Mais uma vez, os fatores de risco epidemiológico e as variáveis sócio-culturais tradicionais não explicam todas as mudanças. Os autores recomendam levar em conta uma ampla gama de fatores intervenientes na adapta-

¹ O'LEARY, S., CHENEY, B. (org.) *Tripla Ameaça: AIDS e mulheres*. Dossiê Panos. Rio de Janeiro/Recife/Londres. ABIA/SOS CORPO/Panos Institute, 1993

ção do comportamento sexual ao risco de contágio e alertam para a importância de incentivar os estudos *gay* e proceder a pesquisas de avaliação da prevenção

Finalmente Alain Giami, em "De Kinsey à AIDS: a evolução da construção do comportamento sexual em pesquisas quantitativas", estuda as diversas construções contidas no conceito de comportamento sexual a partir do relatório Kinsey. Neste, ele é associado a orgasmo, no relatório Simon à contracepção, e atualmente, com o advento do HIV, parece balizado pela noção de risco. Em conclusão, o comportamento sexual é remodelado segundo processos variados, descritos pelo autor, e sua utilização impõe estatutos diferentes às dimensões sociológica e psicológica enquanto partes constitutivas e/ou determinantes dele.

Esta riqueza e variedade de contribuições, como se pode notar, está costurada por um fio forte, que ponteia o olhar da História, da Antropologia, da Sociologia e da Psicanálise ao abordar o tema em discussão. Trata-se da pregnância dos universos simbólicos, culturais, das representações sociais, tão em voga nas ciências sociais, revelando-se como parceria indispensável para equacionar a promoção da saúde, em particular no caso da AIDS, em contraponto à insuficiência dos estudos epidemiológicos, por um lado, e da mera transmissão de informação, por outro. A contribuição das ciências sociais evidencia-se fundamental enquanto dimensão de compreensão do mundo da doença e da prevenção, aqui apresentada através da consistência e qualidade indiscutíveis dos trabalhos

Também esta contribuição, porém, revela-se incompleta - o que não é obrigatoriamente negativo - e em construção. Assim, como foi mencionado rapidamente, se a especificidade *gay* já ganhou assento neste ponto de vista (*et pour cause, deve-se saudar*), a feminina parece ainda não estar devidamente contemplada, parecendo só chamar maior atenção da responsável pela coletânea e na perspectiva demográfica. Embora alguns dos autores se preocupem com ela em sua obra, faltam indicações por gênero que permitam avaliar se as representações que calçam os comportamentos levando à negociação sexual e à prevenção merecem tratamento diferenciado ou não. Pode-se supor, como faz Loyola, que Parker esteja na verdade "generalizando" a partir de um gênero apenas, e (acrescento eu) que Corrêa submerja nuances na sua detecção de modelos de produção da subjetividade sexual. O mesmo pode ser dito para as pesquisas relatadas na

Europa e nos Estados Unidos. Num momento em que as mulheres somam-se em progressão geométrica aos demais infectados, a indicação feita por Parker, Giami e Pollak, da necessidade de mais estudos para se penetrar no universo sobre o qual se deseja intervir e assim atingir maior eficácia, se reafirma com a presença da inclusão da questão de gênero. A AIDS vem enfatizar a necessidade de uma reflexão profunda sobre as relações entre os gêneros e o seu significado para a prevenção, e - por que não - para a felicidade humana, em geral.

Em termos de abordagens, uma ausência que se faz sentir é a da Psicologia, talvez não como falha da coletânea, mas da própria área, em sua proverbial endogenia. Embora não costume ser das primeiras a enfrentar os grandes problemas da sociedade, desta vez ela está efetivamente na linha de frente, envolvida com o cotidiano dos soropositivos, com a prevenção, e já apresenta as primeiras reflexões sobre esta experiência, como as reunidas por Vera Paiva² no I Encontro sobre Repercussões Psicossociais da AIDS, na USP. É a própria Vera, em meio a esta coletânea, quem discute o simbolismo da AIDS e suas conseqüências para a lide de tratar com ela. Também no exterior, encontram-se linhas muito próximas às percorridas acima. É o caso da pesquisa de Dario Páez³, no País Basco, sobre a imagem e prevenção da AIDS, partindo do imaginário coletivo frente às doenças e baseando-se nas representações sociais da população como substrato de uma educação para a saúde. Fica, portanto, o apelo às/aos colegas para que não só sistematizem e divulguem sua experiência, mas também se aproximem e se apropriem da contribuição das outras ciências humanas. A estas, deixo o apelo reverso, de que estejam atentas à contribuição da Psicologia, que a incluam em seu ponto de vista, e não de forma acessória.

Para finalizar, cabe recomendar a leitura de *AIDS e Sexualidade* não só aos que se interessam pelo tema, mas a todos aqueles que lidam com problemas de sociedade de difícil equacionamento, pois a contribuição das ciências humanas, o ponto de vista que parte das rotas simbólicas, das inscrições culturais, das frilhas da percepção e dos afetos, pode iluminar outras zonas de sombra.

ANGELA ARRUDA ■

² PAIVA, V. (org.). *Em Tempos de AIDS: viva a vida*. São Paulo: Summus, 1992.

³ PÁEZ, D. et al. *SIDA, Imagen y Prevención*. Madrid: Fundamentos, 1991.